

A entrevista em pesquisa qualitativa sobre *expertise*

Juan Carlos Horta Paz¹

UNIRIO / PPGM

Mestrado

Subárea do SIMPOM: *Educação Musical*

juan3476@hotmail.com

Resumo: Este artigo aborda os fundamentos teóricos da utilização de entrevistas em pesquisas qualitativas sobre a *expertise*. Embora muitos pesquisadores em âmbito nacional tenham utilizado o recurso em questão, pouco se tem discutido na literatura acadêmica sobre suas potencialidades e limitações. A partir desse quadro, contribuindo para preencher esta lacuna, a presente pesquisa em andamento busca investigar em que medida o uso de entrevistas como ferramenta de coleta de dados, com abordagem qualitativa, pode se aplicar ao estudo da *expertise*. Por conta das limitações do que é possível coletar com essa ferramenta metodológica, é necessário subsidiar a pesquisa com um arcabouço teórico com vistas a dar foco às informações que podem ser relevantes para a investigação. A partir disso, resguardados os limites identificados, a entrevista pode ser apropriada para compreender como *experts* entendem a sua *expertise*, como entendem o que foi relevante nas suas trajetórias, como se desenvolve a *expertise* em diferentes culturas, como valores de excelência próprios de uma cultura são produzidos, dentre outros. Na primeira seção deste artigo, apresento brevemente os fatores associados ao desenvolvimento da *expertise*. Na segunda, examino os fundamentos da pesquisa qualitativa. Na terceira, discuto o uso de entrevistas no estudo do desempenho *expert*. Na quarta seção, apresento pesquisas que foram realizadas com entrevistas. Por fim, concluo com as considerações finais, onde exponho algumas reflexões e perspectivas.

Palavras-chave: *expertise*; entrevista; pesquisa qualitativa

The Interview in the Qualitative Research on Expertise

Abstract: This article discusses the theoretical foundations of interviews and its applications on qualitative research on expertise. Although many researches have been using such method, discussion in the academic productions about its limitations and potentialities is scarce. In order to bridge the gap, the present ongoing research seeks to investigate the extent in which interviews might be useful - as data collection strategy - in expertise studies. In front of the limitations of what is possible to collect with interviews, investigations should be theory driven in order to focus on the relevant aspects. Besides limits identified, interview might be appropriated to comprehend how experts understand your own expertise and what was relevant in your life long learning, how expertise develop in different cultures, how excellence values are produced inside cultures, and so on. In the first section, I present the associated factor in expertise development. In the second, is analysed the foundations of qualitative research. In the third, I discuss the uses of interview in the study of expert performance. In the fourth section, I

¹ Dissertação de mestrado em andamento sob orientação de Salomea Gandelman.

show some investigations based on interviews. In the final section, I conclude with reflections and perspective about expertise studies in futures investigations.

Keywords: Expertise; Interview; Qualitative research.

Introdução: fatores associados ao desenvolvimento da *expertise*

O indivíduo *expert* é aquele que realiza de modo consistente alguma tarefa – após esforço consciente para tal – que antes não conseguia realizar. Embora haja gradações, o desempenho atual de uma pessoa se refere sempre a *expertise* do momento, de cujo domínio se deu ao longo do tempo (mais ou menos conforme o grau de *expertise* exigido) e via prática deliberada. O uso de entrevistas, enquanto recurso para a recapitulação de experiências, oferece boa oportunidade para que pesquisadores possam compreender melhor as condições de desenvolvimento da *expertise* a partir daquilo que foi relevante na vida dos *experts*, segundo eles próprios. Não se trata de extrair verdades do entrevistado, que podem mesmo não estar conscientes da totalidade das dimensões envolvidas durante o processo, mas de compreender como sustentam seus estudos em longo prazo em termos de motivação, crenças, valores, entre outros, e a relação entre esses fatores.

A partir da revisão de literatura, entendo a *expertise* como sendo o domínio consciente e consistente de um conjunto de conhecimentos e técnicas – adquiridos pela prática deliberada – necessário para desempenhar uma tarefa. Esta definição sugere que o grau da *expertise* poderá variar conforme o grau de exigência da tarefa em termos de conhecimento e técnica. A *expertise*, portanto, tem gradações e demanda do indivíduo esforço constante para a manutenção da sua *expertise* ou para superação do desempenho atual (ERICSSON, 1993; STERNBERG, 2000).

O desempenho *expert* que é objeto de estudo das pesquisas, geralmente é o desempenho em níveis elevados. Muitos são os fatores associados ao desenvolvimento em tais níveis. Segundo Ericsson (1993), o que medeia o desempenho *expert* é a prática deliberada, que se caracteriza pela intenção explícita do praticante em mapear os erros e fixar os acertos. Deste modo, o desempenho *expert* seria o resultado do acúmulo de muitos anos de estudo deliberado e sistemático. Para o autor, alguém classificado como *expert* deve ser capaz de reproduzir, sistematicamente, o mesmo nível de desempenho, pois, somente desta maneira seria possível captar a essência da *expertise* em condições laboratoriais. Hoffman (1996) salienta que à qualidade da prática, na medida em que se desenvolve a *expertise*, estão associadas adaptações cognitivas condicionadas pelas respectivas atividades. Bloom et al (1985), num estudo que investigou o histórico de 120 profissionais *experts*, dentre eles 20 músicos pianistas, observou

a influência da família, amigos e professores tanto na escolha e desenvolvimento das suas especialidades, quanto nas suas construções identitárias enquanto músicos. Outras pesquisas indicam que ao bom rendimento da prática deliberada estão associados os mecanismos usados pelas pessoas para controlar o próprio processo de aprendizagem (autorregulação), a capacidade para organizar o próprio conhecimento (metacognição), a motivação, a personalidade e o ambiente de aprendizagem (GALVÃO, 2006; GALVÃO et al., 2011; ZIMMERMAN, 2002; O'NEIL, MCPHERSON, 2002). Vários autores consideram que os *experts* devem ser identificados a partir dos critérios estabelecidos por indivíduos de destaque e reconhecidos pelos pares na área (SOSNIAK, 2006; HOFFMAN, 1996). Ainda, segundo Gagné (2008), existe a influência de fatores não controláveis – fator ‘chance’ – como o local de nascimento, a valorização de uma atividade dentro da cultura, acesso a certos materiais, dentre outros.

Os fundamentos da pesquisa qualitativa na revisão de literatura

Conforme Gehardt e Silveira (2009), a pesquisa qualitativa trata de aspectos da realidade que não podem ser quantificados e está centrada na compreensão e explicação das relações sociais que envolvem um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes. Segundo Alves (1991), são várias as denominações que compõem a vertente qualitativa de pesquisa, com origens e ênfases diversas: antropológica, estudo de caso, humanista, dentre outras. Embora 'qualitativa' tenha o inconveniente de sugerir a falsa oposição entre abordagens quantitativa e qualitativa, a autora adota o termo por englobar múltiplas variantes e por ser a mais frequentemente encontrada na literatura. Por trás das várias tradições e estratégias qualitativas está o "pressuposto de que as pessoas agem em função de suas crenças, percepções, sentimentos e valores e seu comportamento tem sempre um sentido, um significado que não se dá a conhecer de modo imediato, precisando ser desvelado" (ALVES, 1991, p. 54).

De modo geral, as abordagens qualitativas convergem quanto ao modo de entender o processo de conhecimento e a natureza da realidade, fazendo uma contraposição ao paradigma positivista (ALVES, 1991). Para o positivismo, a realidade é algo exterior ao sujeito e pode ser conhecida objetivamente, fragmentando os fenômenos e estabelecendo relações de causa e efeito amplamente generalizáveis (ALVES, 1991). Já para as pesquisas qualitativas, a realidade é uma construção social - que envolve o próprio pesquisador - e cujos fenômenos só podem ser compreendidos se levadas em conta as particularidades de cada situação e as influências e interações recíprocas entre as partes que a compõem (ALVES, 1991). Tendo em vista tais características, as pesquisas qualitativas buscam valorizar a imersão do pesquisador no contexto do seu objeto de estudo, compreender como os participantes atribuem significado ao fenômeno

estudado e tendem a ser descritivas e expressas por palavras (ALVES, 1991). A abordagem quantitativa é geralmente associada ao paradigma positivista. Tal abordagem lida com números e se utiliza de modelos estatísticos para explicar os dados, enquanto que a pesquisa qualitativa lida com interpretações da realidade social (BAUER e GASKELL, 2002). Bauer e Gaskell (2002) buscam superar a polêmica estéril acerca da superioridade de uma ou outra tradição de pesquisa que, durante muito tempo, dividiu pesquisadores. Os autores defendem que não é possível quantificar sem qualificar, pois, a mensuração dos dados sociais prescinde da categorização do mundo social. Também não há análise estatística sem interpretação e, por este motivo, o monopólio da interpretação não pode se restringir às pesquisas qualitativas (BAUER e GASKELL, 2002). É verdade que os dados numéricos não falam por si mesmo, mas também é ilusório pensar que "a melhor compreensão provém do fato de saber mais sobre um campo de investigação" (BAUER e GASKELL, 2002, p.24).

Segundo Alves (1991), a natureza de uma investigação pode ser caracterizada em função da manipulação do estímulo e manipulação das respostas, isto é, no grau de controle que o pesquisador exerce sobre as condições do seu objeto de pesquisa. Se num extremo o pesquisador controla e manipula as variáveis, no outro, ele busca a mínima interferência sobre antecedentes e respostas à situação (ALVES, 1991). A pesquisa qualitativa ocupa os graus inferiores das duas dimensões citadas e admite, portanto, grande variabilidade interna em relação à estruturação prévia imposta ao estudo (ALVES, 1991). A favor de um mínimo de estruturação prévia, Alves (1991) diz que o foco e desenho da pesquisa não devem ser definidos *a priori*, mas que devem emergir "do conhecimento do contexto e das múltiplas realidades construídas pelos participantes em suas influências recíprocas" (p. 55). Conforme a autora, a adoção de definições *a priori* pode levar o pesquisador a desconsiderar aspectos importantes que não se encaixam na teoria escolhida, levando a interpretações equivocadas dos fenômenos. No entanto, um maior grau de estruturação pode ser relevante se já existir conhecimento acumulado sobre o assunto que se pretende investigar. Neste caso, a falta de estruturação poderia acarretar em perda de tempo e de profundidade.

Podemos buscar compreender, nunca integralmente, como a *expertise* foi sendo desenvolvida ao longo da vida de alguém e o que foi relevante em cada uma das situações. Como cada *expert* compreende seu próprio desempenho? O que foi relevante para ele? Quais foram suas referências? Em que medida ele tem consciência e controle sobre seu próprio desenvolvimento? As respostas para essas perguntas envolvem questões que não são passíveis de controle e manipulação do pesquisador. Também se referem a situações impossíveis de

serem reproduzidas. Por esta razão, investigar a *expertise* do ponto de vista das pesquisas quantitativas me parece insatisfatório e improdutivo.

No começo do século XX, Terman advogava que crianças com alto QI seriam os futuros gênios (SIMONTON, 2000). Ericsson (1993) coloca demasiada ênfase na prática deliberada. Gagné (2008) escreve que é preciso nascer com dom, entendido como matéria-prima a ser aplicada a uma atividade. Eu penso que cada um deles tenha lançado luz sobre faces diferentes do mesmo objeto e que não é possível destacar um ou outro elemento como determinante. Acredito ainda que o estudo da *expertise* em outros contextos possa abalar a compreensão que temos sobre o fenômeno. Tudo o que se falou até agora sobre o desempenho *expert* se aplicaria aos músicos de grupos socialmente marginalizados? Seria possível pensar em *expertise* num lugar onde todos participam em uma certa atividade e têm desempenhos semelhantes? O trecho abaixo busca ilustrar o que pretendi abordar no parágrafo acima:

O homem é um todo indivisível de extrema complexidade. É impossível ter uma concepção simples do que ele seja, nem há método capaz de o apreender simultaneamente no seu conjunto, nas suas partes e nas suas relações com o mundo exterior. No seu estudo tem de ser utilizadas as técnicas mais variadas, e diversas ciências. Cada uma destas ciências leva a uma concepção diferente do seu comum objeto. Dele, cada uma abstrai senão o que a natureza de sua técnica lhe permite atingir. E a soma de todas estas abstrações é menos rica do que o fato concreto. Fica um resíduo demasiado importante para poder ser desdenhado. Porque a anatomia, a química, a fisiologia, a psicologia, a pedagogia, a história, a sociologia, a economia política e todos os seus ramos, não esgotam o assunto. O homem que os especialistas conhecem não é, pois, o homem concreto, o homem real, mas tão somente um esquema, por sua vez composto de outros esquemas construídos pelas técnicas de cada ciência (CARREL, 1938, p. 17).

A entrevista no estudo do desempenho *expert*

Segundo Robert Farr (apud BAUER e GASKELL, 2002, p. 64) a entrevista é "essencialmente uma técnica, ou método, para estabelecer ou descobrir que existem perspectivas, ou pontos de vista sobre os fatos, além daqueles da pessoa que inicia a entrevista". Gaskell (2002) considera que a entrevista qualitativa deve ter como pressuposto que o mundo social é ativamente construído por pessoas em suas vidas cotidianas, sob algumas condições que elas mesmas não estabeleceram. Deste modo, a partir dos dados colhidos, busca-se uma melhor compreensão da relação entre os atores sociais e sua situação em termos de crenças, valores, motivação e atitudes (GASKELL, 2002). As entrevistas são tradicionalmente

entendidas como um momento em que o entrevistado irá transmitir informação para o seu interlocutor (ROLLEMBERG, 2013). Neste modelo existe uma rigidez dos papéis em ambos os lados, visando a neutralidade e a objetividade das respostas. Na visão atual, inserida no contexto da pós-modernidade, adota-se "um tipo de entrevista que entende o que acontece como uma troca interpessoal, em que há uma co-construção de significados" (ROLLEMBERG, 2013, p. 40). Nesta abordagem os papéis são menos fixos e menos assimétricos, enfatizando a relação entre os participantes, exigindo, deste modo, uma atitude diferente do entrevistador. Rollemberg (2013) atenta, porém, que ainda é forte a tendência à neutralidade e objetividade, mesmo entre aqueles que adotam a visão construcionista. Para Gubrium & Holstein, segundo Rollemberg (2013), estamos envolvidos diariamente em práticas sociais de construção de significados e (re)construção de identidades. Sendo assim,

a situação de entrevista vem oportunizar e facilitar a reflexão e a discussão sobre essas práticas, sobre quem somos e o que fazemos. Tal reflexão, por sua vez, pode propiciar mudanças e reconfigurações identitárias com maior agentividade da parte dos interagentes. Entrevistado e entrevistador participam dessas construções em conjunto (ROLLEMBERG, 2013, p. 40-41)

A pesquisa qualitativa com entrevista é um empreendimento cooperativo, onde a palavra é o principal meio de troca (GASKELL, 2002). Gaskell (2002) pontua, então, que durante a entrevista, ambos participantes estão envolvidos na produção de conhecimento, numa interação em que várias realidades e percepções são desenvolvidas. É fundamental a preparação do entrevistador para o ato da entrevista, para que não sejam feitas perguntas inadequadas. Nessa compreensão do que é a entrevista, as perguntas não devem ser preestabelecidas a fim de favorecer a emergência de narrativas (ROLLEMBERG, 2013). O entrevistador deve, então, estar atento para possíveis mudanças no curso da entrevista. Para aprofundar as reflexões sobre as questões levantadas, as entrevistas podem ser transcritas e entregues para os entrevistados. Esse procedimento permite que novas interpretações e novos detalhes venham à tona (ROLLEMBERG, 2013). Para Gaskell (2002), o roteiro das perguntas, ou tópico guia, deve ser preparado em função dos fins e objetivos da pesquisa, além de exigir do pesquisador um conhecimento profundo do tema tratado. Um bom tópico guia é construído mais com lembretes do que com perguntas específicas e deve fornecer uma progressão lógica e plausível dos temas a serem tratados. Além disso, deve apresentar linguagem simples e adaptada ao entrevistado. Como o próprio nome sugere, os tópicos são guias e, portanto, estão sujeitos a modificações

durante a entrevista. Toda e qualquer modificação, seja por exclusão ou inclusão de alguma questão, deve ser relatada e justificada. A partir de Becker e Geer, Gaskell (2002) atenta para as precauções que o pesquisador deve tomar ao utilizar entrevistas:

Primeiro, o entrevistador não deve aceitar nada como se fosse pacífico. Segundo, ele deve sondar cuidadosamente mais detalhes do que aqueles que o entrevistado pode oferecer em uma primeira resposta à pergunta. Terceiro, é através do acúmulo de informações conseguidas a partir de um conjunto de entrevistas que podemos chegar a compreender os mundos da vida dentro de um grupo de entrevistados. (GASKELL, 2002, p. 72)

O momento da entrevista é uma oportunidade para que ambas as partes, entrevistado e entrevistador, estabeleçam e restabeçam "relações de pertencimento a determinadas categorias institucionais, profissionais ou familiares" (ROLLEMBERG, 2013, p. 43). No contexto da entrevista, as respostas são possibilidades de voltar a experienciar situações vividas, onde são relacionados elementos que extrapolam o que está presente durante o evento. "O ato de narrar constitui, assim, um retorno à experiência, mas não é a experiência" (SANTOS, 2013, p. 30) As narrativas expressam o modo como cada sujeito atribui significados a si mesmo, visto que os traços representativos de determinada situação social são trazidos à baila através das falas (ROLLEMBERG, 2013). Para Rollemberg (2013), uma breve explanação sobre o que se pretende investigar pode empoderar o entrevistado e fazê-lo se posicionar melhor diante da situação de comunicação em que se encontra. Para Santos (2013), a narrativa pode ser considerada uma *performance*, tendo em vista que é co-construída pelo narrador e pelo entrevistador que, por sua vez, se manifesta com ratificações, pedidos de esclarecimento, etc. Neste contexto, o narrador "constrói um mundo de ações e personagens que são postos em relação com ele mesmo e com aqueles para quem realiza" (SANTOS, 2013, p. 25). Por este motivo as entrevistas tendem a ser menos estruturadas para que haja maior fluidez das narrativas, ao invés de serem conduzidas de modo a ratificar as hipóteses do entrevistador. Isto não impede, porém, que o entrevistador possa ter atitude participativa. (SANTOS, 2013).

Conforme Santos (2013) 'narrativa' é um termo marcado pela imprecisão nas definições, pois, conforme o contexto, pode abranger certos elementos ao mesmo tempo em que exclui outros. O autor aponta, por exemplo, que a abordagem segundo a qual a narrativa é método de recapitulação das experiências passadas - caracterizado por sua estrutura organizada em uma sequência temporal, por ter um ponto e por ser contável - foi criticada pela ausência de problematização da relação entre evento passado, memória e narrativa. No estudo da *expertise*,

por exemplo, uma dificuldade ao lidar com situações passadas é o risco de confundir elementos importantes para o desenvolvimento da *expertise* com circunstâncias próprias de uma época, isto é, um fato relatado pode tanto dizer sobre o que é necessário para se tornar um *expert* quanto informar sobre a vida social de anos passados (SOSNIAK, 2006). Outra dificuldade é o quanto as pessoas são capazes de lembrar sobre suas experiências durante a vida (SOSNIAK, 2006). Há, no entanto, quem considere vão qualquer esforço para delimitar o significado de narrativa, pois este termo dever ser capaz de abranger uma multiplicidade de perspectivas (SANTOS, 2013).

A observação participante seria uma forma mais completa de informações sociológicas pois, a partir dela, seria possível perceber tipos de informações que escapam a outros métodos (GASKELL, 2002). Um intenso trabalho de campo permite que o pesquisador esteja aberto a uma amplitude e profundidade maior de informação para triangular diferentes impressões e observações (GASKELL, 2002). Estas considerações, no entanto, não invalidam o uso de entrevistas, apenas apresentam pontos para reflexão. No estudo da *expertise*, por exemplo, a ida a campo nem sempre será proveitoso. Uma das principais características do desenvolvimento e manutenção da *expertise* é o estudo individual deliberado. Sendo o estudo individual, logo, a presença do pesquisador poderia interferir no comportamento do sujeito observado. Neste caso, o relato sobre o estudo através da entrevista seria um caminho mais profícuo. Segundo Sosniak (2006), os relatos retrospectivos permitem examinar as experiências pelo olhar do aprendiz, o que é diferente de observar à distância e supor o que alguém está vendo. É neste contexto que a autora entende as entrevistas retrospectivas como um método necessário nas investigações sobre *expertise* - embora imperfeito -, pois permite investigar questões que por outras vias não seria possível. Tais entrevistas abarcam perspectivas de longo prazo acerca do desenvolvimento da *expertise* e chamam atenção para outras oportunidades de pesquisa (SOSNIAK, 2006).

Pesquisas sobre *expertise* que utilizaram entrevista

Sosniak (2006) parte da premissa de que, para compreender como as pessoas se tornam adultos extraordinários, deve-se começar estudando estes últimos para tentar descobrir como isso foi possível, pois, as pesquisas sobre *expertise* ainda não forneceram indicadores suficientes para que seja possível identificar precocemente as pessoas que se tornarão *experts*. Por este motivo, a autora afirma que a questão não repousa sobre a necessidade do método, mas sim, sobre como é a melhor maneira de utilizá-lo. Uma vez diante das narrativas, isto é, relatos sobre experiências passadas, é fundamental considerar que: "pessoas utilizam a narrativa não

apenas para (re)construir eventos passados, mas, entre outros objetivos, para que tais eventos sejam interpretados de acordo com as representações que desejam" (SANTOS, 2013, p. 24). Dito de outro modo, o estudo com narrativas viabiliza o entendimento sobre como as pessoas processam construções identitárias, construções estas que guardam estreita relação com a construção das narrativas. Para Sosniak (2006):

Estudos com entrevista retrospectiva são, inerentemente, estudos biográficos. Deles emergem experiências de vida. Contudo, não são baseados em material biográfico padrão. Eles contam com entrevistas, permitindo que um indivíduo conte sua história de vida condicionado pelo arcabouço teórico do entrevistador (SOSNIAK, 2006, p. 288).

Diferente de outras entrevistas no estudo da *expertise*, o foco da entrevista retrospectiva repousa em eventos e experiências distantes no tempo. É preciso reconhecer que através das entrevistas retrospectivas, ou qualquer outro método que investigue processos em longo prazo, não é possível coletar todas as informações de valor para o estudo, pois não é possível obter informações que contemplem todos os aspectos da vida de uma pessoa. O que se pode esperar é que os dados sejam o mais bem informado possível (SOSNIAK, 2006). Por conta das limitações do que é possível coletar, é necessário subsidiar a pesquisa com um arcabouço teórico com vistas a dar foco às informações que podem ser relevantes para a investigação. Nas palavras de Sosniak (2006), o trabalho deve ser teoricamente guiado (*theory driven*).

Conforme Sosniak (2006), através de pesquisas com grupos, ao invés de casos isolados, pesquisadores podem captar aquilo que é essencial para o desenvolvimento da *expertise*, deixando de lado as idiossincrasias. Se existem fatores relacionados às escolhas individuais por uma especialidade, tais fatores provavelmente aparecerão mais explicitamente naqueles que foram mais bem sucedidos (ROE, 1952 apud SOSNIAK, 2006). Por esta razão, é preciso estar atento para os critérios de seleção dos participantes. Sosniak (2006) cita os trabalhos de Roe, Zuckerman e Bloom, que selecionaram os participantes de acordo com os critérios estabelecidos por outros *experts* e que eram representativos em suas áreas. Para a autora, "pessoas com amplo e profundo conhecimento numa área tomaram decisões sobre o que era mais importante na e para a área" (SOSNIAK, 2006, p. 293) e, portanto, qualquer pessoa que se enquadrasse nos critérios de avaliação estabelecidos a partir daquelas decisões (ganhar determinado prêmio, por exemplo) poderia ser selecionada para o estudo. Alguns pesquisadores, no entanto, são críticos da seleção por reconhecimento social porque o consenso pode ser influenciado por características outras (popularidade, reputação) que não a verdadeira competência. Apesar disso, a seleção por reconhecimento dos pares, sobretudo os de maior

destaque na área, é amplamente aceita, principalmente em atividades onde não há critérios alternativos (SOSNIAK, 2006).

Sosniak (2006) traz à discussão a importância dos grupos de comparação para o controle da pesquisa e afirma que na ausência de tais grupos é impossível verificar até que ponto os resultados podem lançar luz sobre o desenvolvimento do desempenho de excelência, visto que quaisquer coisas ditas sobre o assunto poderiam se aplicar a muitos casos em que pessoas nunca demonstraram desempenho excepcional. Todavia, um grupo de controle composto por pessoas aleatoriamente selecionadas, se confrontado com um grupo de *experts*, diminui a possibilidade de observar o que é relevante em experiências em longo prazo (SOSNIAK, 2006). A questão que se impõe é a necessidade de captar o que é relevante para o estudo para grupos de comparação. Algumas pesquisas compararam *experts* de diferentes áreas, outra comparou vencedores do prêmio Nobel com pessoas de igual prestígio que se diferenciavam apenas por não terem ganhado o prêmio. No estudo de Bloom, os participantes foram selecionados pelas categorias psicomotora, artística e intelectual (SOSNIAK, 2006). Ao falar sobre esta última pesquisa, em que ela própria participou, Sosniak (2006) afirma que um dos grandes erros cometidos foi o de ter selecionado apenas americanos e que tal seleção teve influência nos resultados na medida em que impediu a comparação entre pessoas que atingiram o desempenho *expert* sob condições diferentes.

A *expertise* trata da capacidade para desempenhar bem uma atividade. Do ponto de vista das habilidades adquiridas, entende-se que o desempenho é o resultado do esforço consciente no sentido de realizar algo que antes não era possível realizar. Durante o processo de desenvolvimento da *expertise* é possível identificar a influência dos fatores motivação, autorregulação, metacognição, família e amigos, contexto social, horas de prática. As pesquisas sobre *expertise* têm utilizado diversas estratégias de investigação. Cada uma dessas estratégias, revelam diferentes aspectos da *expertise*. A partir do que foi exposto nos parágrafos anteriores, é possível inferir que a entrevista, enquanto método de investigação, não é indicada para todo e qualquer estudo sobre *expertise*. Por exemplo, pesquisar as bases neurológicas do desempenho de excelência ou a influência da ansiedade durante um concerto através de narrativas pode ser insuficiente. No entanto, entrevistas podem ser apropriadas para compreender como *experts* entendem a sua *expertise*, como entendem o que foi relevante nas suas trajetórias, como se desenvolve a *expertise* em diferentes culturas, como valores de excelência próprios de uma cultura são produzidos, dentre outras. O trabalho pioneiro de Bloom (1985) buscou mapear as regularidades na educação de jovens *experts*. Este trabalho identificou três grandes fases do aprendizado. Primeiramente a criança se envolve descomprometidamente

com a atividade que será sua futura atividade de domínio. Num segundo momento, toma aulas e recebe incentivo constante da família. Nesta fase é comum a influência dos pais na organização do estudo. Num último momento, o adolescente começa a se tornar mais autônomo em relação a sua prática individual. Nesta fase, o jovem se envolve com outros da mesma área, a partir dos quais irá construir sua identidade como alguém pertencente a um grupo seletivo. Mais recentemente, Gruber (2008) investigou a influência de ‘pessoas à sombra’ (*persons in the shadow*) para a formação profissional. Gruber estudou a formação de guitarristas de jazz. Neste estudo, o autor observou que o início no instrumento destes músicos se deu relativamente tarde, em relação aos músicos de tradição clássica. Notou também que a instrução recebida é menos formal, sobretudo no início. Diferentes dos pianistas estudados por Bloom, os guitarristas de Gruber extraíram modelos para sua prática individual a partir do contato com profissionais atuantes no mercado, não necessariamente professores ou os melhores no ramo. Estas duas pesquisas ilustram não apenas a utilidade das entrevistas, como também o desenvolvimento da *expertise* em contextos diferentes. No Brasil as investigações sobre *expertise* têm sido marcadas pelo uso de entrevistas, em especial as produções de Galvão (2007; 2011). Este autor investigou a *expertise* no contexto da música popular, a aprendizagem *expert* em universitários e a relação entre cognição, emoção e *expertise* em música. Destaco também os trabalhos de Brasil (2014) sobre motivação na prática pianística e Alves (2013) sobre estratégias de gerenciamento, manutenção e regulação de *performance*.

Considerações finais

As situações pelas quais passamos durante a nossa vida são condicionadas pelo meio social, meio este que está em constante transformação. Ainda que as experiências se assemelhem, o modo como cada um interpreta e atribui significado a elas são diferentes. Nós produzimos a realidade que nos cerca ao mesmo tempo em que somos produzidos por ela. Estamos constantemente imersos em situações cujas partes que a compõem são inseparáveis. Isto é, não é possível isolar as dimensões da nossa existência. Em outras palavras, o estudo do ser humano na sua relação com o meio constitui um todo que não se resume à soma das partes. A *expertise*, portanto, pode ser considerada apenas uma ideia. Uma ideia produzida por pessoas e que, como qualquer ideia, pode mudar com o tempo. Sendo assim, o que se espera de um *expert* irá variar conforme a época, local, atividade, idade, entre outros aspectos. O que se espera de um *expert* também irá condicionar os meios que escolherá para atingir a *expertise*. Esses meios, em certa medida, poderão condicionar quais grupos poderão desenvolver a *expertise*. Porém, mesmo que alguém pertença ao grupo ‘privilegiado’, esteja ‘na hora certa, no lugar

certo' e com todas as condições materiais para se desenvolver, ainda é preciso que este alguém queira se desenvolver, aceite os critérios de excelência da cultura e os tenha como valor. Entendo, então, que a *expertise* pode ser melhor compreendida da perspectiva do *expert*, sendo a entrevista um meio eficaz para apreender tal perspectiva.

Referências bibliográficas

BAUER, Martin W.; GASKELL, George; ALLUM, Nicholas. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (org.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Tradução Pedrinho Guareschi, 2ª edição, Rio de Janeiro, Vozes, p.17-63, 2002.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (org.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Tradução Pedrinho Guareschi, 2ª edição, Rio de Janeiro, Vozes, p.64-89, 2002.

BLOOM, Benjamin. Developing talent in young people. EUA: Balalantine books, 1985.

ERICSSON, Karl Anders; KRAMPE, Ralph; TESCH-ROMER, Clemens. The role of deliberate practice in the acquisitions of expert performance. *Psychological Review*, v.100, n.23, p.363-406, 1993.

GALVÃO, Afonso. Fatores associados ao desenvolvimento do talento musical. In: FLEITH, Denise de Souza; ALENCAR, Eunice M. L. Soriano (Org.). Desenvolvimento de Talentos e Altas Habilidades – Orientação a pais e professores. Porto Alegre: Artmed, p.99-115, 2007.

GALVÃO, Afonso; PERFEITO, Cátia; MACEDO, Ricardo. Desenvolvimento de expertise: um estudo de caso. *Revista diálogo educacional*, v11, n.34, p.1015-1033, 2011.

GAGNE, François. A Differentiated Model of Giftedness and Talent (DMGT), 2008.

Disponível em:

<https://pdfs.semanticscholar.org/a0ae/7794202c8402ce7d5707b218980ba520b525.pdf>.

Acesso em: 4 de Dezembro de 2020.

HOFFMAN, Robert. How can expertise be defined? Implications of research from cognitive psychology. In: WILLIAMS, Robin; FAULKNER, Wendy; FLECK, James (org.). Exploring expertise: Issues and Perspectives. Escócia: University of Edinburgh Press, p.81-100, 1996.

SANTOS, William Soares dos. Níveis de interpretação na entrevista de pesquisa interpretativa com narrativas, In: BASTOS, Liliana Cabral; SANTOS, William Soares dos (org.). A entrevista na pesquisa qualitativa, Rio de Janeiro: Quartet, Faperj, p.21-36, 2013.

SOSNIAK, Lauren. Retrospective interview in the study of expertise and expert performance. In: ERICSSON, Karl Anders; CHARNESS, Neil; FELTOVICH, Paul; HOFFMAN, Robert (org.). The cambridge handbook of expertise and expert performance. Nova Iorque: Cambridge university press, p.287-300, 2006.

STERNBERG, R. J. Intelligence as Developing Expertise, *Contemporary Educational Psychology* 24, 359–375, 1999.

O'NEIL, S.A., MCPHERSON, G.E. Motivation. In: *The science & psychology of music performance*, Oxford University Press, Nova Iorque, p.31-46, 2002.

ZIMMERMAN, B. Becoming a self-regulated learning: na overview. *Theory into practice*, V. 41, n. 2, 2002.

GERHARDT, T.E., SILVEIRA, D.T. *Métodos de pesquisa*, ed. Ufrgs, 2009.

CARREL, A. *O homem, esse desconhecido*. Ed. Educação nacional, 1938.

BRASIL, A. I. C. G. *Desejo e desenvolvimento de expertise : motivação de longo prazo de pianistas/cravistas experts de tradição clássica*, dissertação, UCB, 2014.

GRUBER, H. Persons in the shadow: Assessing the social context of high abilities. *Psychology Science Quarterly*, V.50, 2008.